



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

O ensino de filosofia por meio de imagens nas escolas indígenas

Teaching philosophy through images in indigenous schools

La enseñanza de la filosofía a través de imágenes en las escuelas indígenas

Rafael Raimundo Oliveira Albuquerque

UBERTAS - Universidade Estadual de Roraima

Mestre em Filosofia

Boa Vista – RR, Brasil

rafaelcogitoergosum@gmail.com

Edson da Silva Barros

Faveni

Pós Graduado em Docência eo Ensino Superior e Educação Física Escolar

São João da Valiza - RR, Brasil

edsonbrilhantemente98@gmail.com

Nubia Silva Costa

UBERTAS - Universidade Estadual de Roraima

Mestre em Filosofia

Boa Vista – RR, Brasil

nscd.31@gmail.com

RESUMO

Considerando as tensões epistemológicas que marcam a inserção da Filosofia no Ensino Médio das escolas indígenas, especialmente diante da necessidade de articular rigor conceitual e respeito às especificidades culturais, este estudo investiga a possibilidade de utilização de imagens como instrumento pedagógico no ensino filosófico. Objetiva-se analisar a viabilidade teórica da mediação imagética no contexto da educação escolar indígena, fundamentando-a na teoria dos signos de Charles Sanders Peirce. Para tanto, procede-se a uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica e documental, com análise de referenciais semióticos, estudos sobre ensino de Filosofia e dispositivos normativos da educação indígena brasileira. Observa-se que a imagem, compreendida como signo dotado de potência interpretativa, pode operar como mediadora entre experiência simbólica situada e elaboração conceitual, favorecendo a produção de conceitos sem comprometer o rigor crítico da disciplina. Conclui-se que a mediação imagética constitui alternativa epistemologicamente consistente para o ensino de Filosofia em contextos culturalmente diferenciados, ampliando suas possibilidades formativas no Ensino Médio.



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

Palavras-chave: ensino de filosofia, imagens, educação escolar indígena, semiótica, mediação pedagógica.

ABSTRACT

Considering the epistemological tensions that mark the inclusion of Philosophy in the High School curriculum of indigenous schools, especially given the need to articulate conceptual rigor and respect for cultural specificities, this study investigates the possibility of using images as a pedagogical tool in philosophical teaching. The objective is to analyze the theoretical viability of image mediation in the context of indigenous school education, grounding it in Charles Sanders Peirce's theory of signs. To this end, a qualitative research of a bibliographic and documentary nature is carried out, with analysis of semiotic references, studies on the teaching of Philosophy and normative devices of Brazilian indigenous education. It is observed that the image, understood as a sign endowed with interpretative power, can operate as a mediator between situated symbolic experience and conceptual elaboration, favoring the production of concepts without compromising the critical rigor of the discipline. It is concluded that image mediation constitutes an epistemologically consistent alternative for the teaching of Philosophy in culturally differentiated contexts, expanding its formative possibilities in High School.

Keywords: philosophy teaching, images, indigenous school education, semiotics, pedagogical mediation.

RESUMEN

Considerando las tensiones epistemológicas que marcan la inclusión de la Filosofía en el currículo de la Educación Secundaria de las escuelas indígenas, especialmente dada la necesidad de articular el rigor conceptual con el respeto a las especificidades culturales, este estudio investiga la posibilidad de utilizar imágenes como herramienta pedagógica en la enseñanza de la filosofía. El objetivo es analizar la viabilidad teórica de la mediación de imágenes en el contexto de la educación escolar indígena, basándose en la teoría de los signos de Charles Sanders Peirce. Para ello, se realiza una investigación cualitativa de carácter bibliográfico y documental, con análisis de referencias semióticas, estudios sobre la enseñanza de la Filosofía y dispositivos normativos de la educación indígena brasileña. Se observa que la imagen, entendida como un signo con poder interpretativo, puede operar como mediadora entre la experiencia simbólica situada y la elaboración conceptual, favoreciendo la producción de conceptos sin comprometer el rigor crítico de la disciplina. Se concluye que la mediación de imágenes constituye una alternativa epistemológicamente consistente para la enseñanza de la Filosofía en contextos culturalmente diferenciados, ampliando sus posibilidades formativas en la Educación Secundaria.



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

Palabras clave: enseñanza de la filosofía, imágenes, educación escolar indígena, semiótica, mediación pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A presença da Filosofia no Ensino Médio das escolas indígenas do estado de Roraima insere-se em um cenário marcado por tensões epistemológicas e pedagógicas. De um lado, a disciplina assume a função formativa de promover reflexão crítica, análise conceitual e problematização da realidade; de outro, inscreve-se em contextos socioculturais cujas cosmologias, formas de transmissão de saber e modos de organização simbólica diferem das matrizes tradicionais da filosofia ocidental. Essa condição impõe ao ensino filosófico o desafio de evitar tanto a imposição epistemológica quanto a diluição do rigor conceitual.

A educação escolar indígena, conforme reconhecida na Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 1988), deve respeitar especificidades culturais, línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. Nesse horizonte, o ensino de Filosofia não pode restringir-se à mera exposição histórica de autores ou sistemas de pensamento, mas deve constituir prática formativa capaz de dialogar com a experiência simbólica das comunidades. Ensinar Filosofia implica, antes de tudo, criar condições para o exercício do filosofar.

Entretanto, a mediação de conceitos filosóficos abstratos apresenta dificuldades quando não considera as formas de significação predominantes no contexto cultural indígena. A oralidade, a corporeidade, a relação com a natureza e a forte presença de elementos imagéticos estruturam modos específicos de produção de sentido. Ignorar essas dimensões pode comprometer a eficácia formativa da disciplina.

Diante desse quadro, surge a seguinte questão de pesquisa: como o uso de imagens pode contribuir para o ensino de Filosofia nas escolas indígenas do Ensino Médio? Parte-se da hipótese de que a imagem, quando compreendida não como recurso ilustrativo, mas como signo dotado de potência semiótica, pode operar como mediadora entre categorias



Edition: Vol. 04 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

filosóficas e universos simbólicos situados.

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar a viabilidade teórica do uso de imagens como instrumento pedagógico no ensino de Filosofia em escolas indígenas. Como objetivos específicos, busca-se: (i) situar o ensino de Filosofia no contexto normativo e formativo da educação indígena brasileira; (ii) fundamentar a mediação imagética na teoria dos signos de Charles Sanders Peirce; (iii) explicitar as implicações epistemológicas dessa proposta para a produção conceitual em contextos culturalmente diferenciados.

2 O LUGAR DA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DO ENSINO MÉDIO

A discussão sobre o lugar da Filosofia na educação escolar indígena exige partir de uma compreensão não reducionista da disciplina: mais do que um repositório de doutrinas e cronologias, a Filosofia, quando situada no currículo do Ensino Médio, cumpre função formativa ligada ao exercício da reflexão, da problematização e da produção de sentidos sobre a experiência. Essa ênfase desloca a pergunta “o que ensinar em Filosofia?” para “como formar para o filosofar?”, o que se torna decisivo em contextos nos quais a aprendizagem se estrutura por matrizes culturais específicas, como oralidade, memória coletiva, corporeidade e densidade simbólica (Kant, 2001). Desta forma, o ensino filosófico é compreendido justamente como prática que deve enfrentar a abstração conceitual por mediações culturalmente situadas, sem perder o rigor próprio do pensamento filosófico.

No plano normativo, a educação escolar indígena não se organiza como mera extensão homogênea da educação nacional, mas como direito que reconhece especificidades culturais, linguísticas e pedagógicas. A Constituição Federal de 1988, ao reconhecer a organização social, os costumes e as línguas dos povos indígenas, produz um horizonte de legitimidade para formas diferenciadas de escolarização, implicando que o ensino — inclusive o filosófico — deve ser orientado por respeito à alteridade cultural



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

e por rejeição a práticas assimilacionistas (Brasil, 1988). Em termos pedagógicos, isso significa que a Filosofia, para cumprir sua função formativa, precisa ser ensinada de modo a não operar como “corpo estranho” epistemológico, mas como prática reflexiva capaz de dialogar com repertórios culturais do próprio estudante.

A centralidade do filosofar — e não apenas do conteúdo — é um ponto consolidado na tradição de ensino de Filosofia: a aprendizagem filosófica não se reduz à memorização de conceitos, mas à capacidade de formular problemas, sustentar argumentos e interrogar pressupostos. Essa perspectiva, associada à ideia de autonomia intelectual, reforça a Filosofia como componente curricular que favorece a crítica às evidências e a elaboração reflexiva do mundo social, evitando tanto a reprodução de opiniões quanto a naturalização de discursos (Chauí, 2000). Em convergência, compreende-se que a atividade filosófica deve ser trabalhada como atitude formativa acessível, isto é, como prática de problematização e abertura ao real, e não como saber elitizado ou distante (Cerletti, 1996).

Para além do argumento formativo geral, a presença da Filosofia na escola ganha densidade quando vinculada à produção conceitual. Nessa chave, filosofar envolve criar e reorganizar conceitos diante de problemas concretos; logo, o ensino precisa produzir condições para que o estudante opere intelectualmente sobre sua realidade, em vez de apenas receber sistemas prontos (Deleuze; Guattari, 1992). No campo do ensino de Filosofia no Brasil, essa abordagem é apropriada ao cotidiano escolar quando o trabalho docente promove situações de investigação, debate e elaboração de sentidos, tomando a experiência dos estudantes como ponto de partida legítimo para o pensamento filosófico (Gallo, 2004). Trata-se de um deslocamento metodológico: a Filosofia preserva seu estatuto crítico não por repetir cânones, mas por ativar capacidades de julgamento, interpretação e argumentação.

Esse enquadramento se torna particularmente relevante no cenário indígena, em que a eficácia formativa do ensino filosófico depende da mediação pedagógica adotada. Se a Filosofia se apresenta apenas como abstração conceitual descolada do universo



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

cultural local, tende a reforçar resistência, desinteresse e a percepção de imposição externa — problema já destacado na própria tese ao tratar da desconfiança cultural e da necessidade de um método que aproxime o pensamento filosófico da experiência simbólica indígena

Por isso, o lugar da Filosofia na educação escolar indígena não se resolve apenas por justificativas curriculares; ele depende de uma engenharia de mediação que preserve rigor conceitual, mas reconheça que todo filosofar acontece a partir de signos, repertórios e experiências situadas. É nesse ponto que a mediação imagética — fundamentada semióticamente — se apresenta, neste estudo, como via teoricamente consistente para sustentar o ensino de Filosofia “a partir” do universo simbólico indígena, em vez de “sobrepôr-se” a ele.

2.1 A TEORIA DOS SIGNOS EM CHARLES SANDERS PEIRCE E A FUNDAMENTAÇÃO DA MEDIAÇÃO IMAGÉTICA

A utilização de imagens no ensino de Filosofia demanda fundamentação que ultrapasse a compreensão da imagem como recurso ilustrativo. Nesse sentido, a semiótica de Charles Sanders Peirce oferece base epistemológica consistente ao afirmar que todo processo de pensamento se realiza por meio de signos. Para o filósofo norte-americano, o signo é aquilo que representa algo para alguém sob determinado aspecto, instaurando uma relação triádica entre representamen, objeto e interpretante (Peirce, 2005). Essa concepção desloca a imagem do plano acessório para o núcleo do processo cognitivo, uma vez que o conhecimento não ocorre de forma imediata, mas mediado simbolicamente.

A classificação dos signos em ícone, índice e símbolo constitui elemento central dessa teoria. O ícone mantém relação de semelhança com o objeto; o índice estabelece conexão factual ou causal; o símbolo depende de convenção ou hábito interpretativo consolidado (Peirce, 2005). Essa estrutura permite compreender que a imagem pode atuar simultaneamente em níveis distintos de significação, mobilizando reconhecimento



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

perceptivo, referência contextual e elaboração simbólica. A dimensão icônica, em particular, favorece aproximação inicial com o objeto, abrindo caminho para processos interpretativos mais complexos.

A noção de semiose amplia essa compreensão ao definir a significação como processo contínuo de produção de interpretantes, no qual cada interpretação gera novas possibilidades interpretativas (Santaella, 2007). O pensamento, nessa perspectiva, não se reduz a apreensão estática de conteúdos, mas constitui dinâmica progressiva de interpretação. Aplicada ao ensino de Filosofia, essa concepção permite sustentar que a imagem pode desencadear cadeias interpretativas capazes de conduzir da percepção sensível à elaboração conceitual, sem comprometer a densidade argumentativa própria da disciplina.

Ao reconhecer que não há pensamento fora dos signos, Peirce afirma que toda atividade intelectual se estrutura mediada simbolicamente (Peirce, 2005). Tal princípio legitima a incorporação da imagem como elemento constitutivo — e não meramente decorativo — do processo formativo. A imagem, compreendida como signo, participa da estrutura cognitiva do sujeito e pode operar como disparadora de problematização filosófica.

A leitura contemporânea da semiótica peirceana evidencia que os signos icônicos desempenham papel relevante na experiência cognitiva por instaurarem proximidade perceptiva que favorece a compreensão inicial, sem impedir o avanço para níveis mais abstratos de significação (Santaella, 2007). Assim, a mediação imagética não representa simplificação metodológica, mas reconhecimento da natureza semiótica do conhecimento.

Do ponto de vista epistemológico, a incorporação de imagens ao ensino de Filosofia não implica renúncia ao rigor conceitual. Ao contrário, reconhece que a produção de conceitos emerge de processos interpretativos situados. A fundamentação semiótica permite compreender que a imagem pode funcionar como ponto de partida para a elaboração reflexiva, preservando a exigência crítica da Filosofia e articulando



Edition: Vol. 04 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

percepção, interpretação e conceituação em um mesmo movimento formativo.

2.3 IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DA MEDIAÇÃO IMAGÉTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

A incorporação da mediação imagética ao ensino de Filosofia não deve ser compreendida como simples recurso didático voltado à facilitação da aprendizagem, mas como deslocamento epistemológico que reconhece a natureza mediada do pensamento. Se todo conhecimento se constitui por signos, conforme sustentado por Peirce (2005), então a experiência filosófica não ocorre em abstração pura, mas por meio de processos interpretativos que articulam percepção, linguagem e conceituação. Nesse sentido, a imagem pode operar como momento inaugural da reflexão, instaurando o movimento que conduz à elaboração conceitual.

A implicação epistemológica fundamental consiste no reconhecimento de que o pensamento filosófico não se opõe à experiência sensível, mas emerge dela por mediação simbólica. A tradição filosófica frequentemente privilegiou a racionalidade abstrata como horizonte do conhecimento; contudo, a própria estrutura semiótica do pensamento indica que a abstração depende de signos que organizam a experiência (Santaella, 2007). A imagem, enquanto signo icônico, pode estabelecer aproximação inicial com o objeto de reflexão, permitindo que o estudante avance progressivamente em direção à problematização conceitual.

No âmbito do ensino, essa perspectiva contribui para superar a dicotomia entre teoria e prática. Quando a Filosofia é reduzida à exposição de sistemas históricos, o estudante tende a ocupar posição passiva diante do conteúdo. Entretanto, ao ser mobilizada por signos que provocam interpretação, a reflexão filosófica assume caráter investigativo. A produção de conceitos, conforme destacado por Deleuze e Guattari (1992), envolve enfrentamento de problemas e criação intelectual; logo, a mediação imagética pode funcionar como disparadora de questões que exigem elaboração argumentativa.



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

Além disso, a utilização de imagens favorece a articulação entre universalidade conceitual e particularidade cultural. Em contextos educacionais marcados por diversidade epistemológica, a imposição de categorias descontextualizadas pode reforçar distanciamentos entre conteúdo escolar e experiência dos estudantes. Ao operar com signos culturalmente reconhecíveis, o ensino preserva o estatuto crítico da Filosofia ao mesmo tempo em que reconhece que todo pensamento se inscreve em horizontes simbólicos situados (Gallo, 2004). A mediação imagética, assim, não relativiza o rigor conceitual, mas redefine o ponto de partida da reflexão.

Do ponto de vista formativo, a imagem pode favorecer o desenvolvimento da autonomia intelectual. Ao desencadear processos interpretativos, estimula o estudante a formular hipóteses, confrontar perspectivas e construir argumentos. A Filosofia mantém sua função crítica quando promove capacidade de questionamento e análise, evitando tanto a repetição de discursos quanto a simples recepção de conteúdos prontos (Chauí, 2000). Nesse enquadramento, a mediação imagética contribui para deslocar o ensino da lógica transmissiva para a prática do filosofar.

As implicações epistemológicas dessa abordagem também se manifestam na compreensão do conhecimento como processo aberto. A semiose, entendida como dinâmica contínua de produção de interpretantes, indica que o pensamento não se encerra em conclusões definitivas, mas permanece suscetível a revisões e aprofundamentos (Peirce, 2005). Tal característica aproxima-se da própria natureza da atividade filosófica, cuja vocação é problematizar e reexaminar pressupostos.

Assim, a mediação imagética pode ser compreendida como estratégia coerente com a estrutura semiótica do conhecimento e com a finalidade formativa da Filosofia. Ao articular percepção sensível e elaboração conceitual, preserva-se o rigor crítico da disciplina, ao mesmo tempo em que se reconhece que o pensamento se constitui por processos interpretativos situados. Trata-se, portanto, de uma reconfiguração metodológica que não reduz a Filosofia, mas reafirma sua potência formativa em contextos educacionais culturalmente diferenciados.



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica e documental. A abordagem qualitativa foi adotada por privilegiar a compreensão interpretativa de conceitos, categorias e fundamentos teóricos, adequando-se à investigação de natureza epistemológica desenvolvida neste trabalho. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa concentra-se na interpretação de significados e na análise de processos simbólicos, o que a torna pertinente para estudos que envolvem fundamentação conceitual e reflexão teórica.

A pesquisa bibliográfica constituiu o eixo central da investigação, envolvendo análise de obras clássicas e contemporâneas relativas à teoria dos signos de Charles Sanders Peirce, à semiótica e ao ensino de Filosofia. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite examinar contribuições teóricas já consolidadas, oferecendo base para formulação e aprofundamento de problemas científicos. Nesse sentido, foram mobilizados textos fundamentais da semiótica peirceana, bem como estudos voltados à reflexão sobre prática filosófica e formação crítica no Ensino Médio.

Paralelamente, procedeu-se à análise documental de dispositivos normativos que regulam a educação escolar indígena no Brasil, especialmente aqueles que asseguram o respeito às especificidades culturais e aos processos próprios de aprendizagem. A análise documental, conforme Lakatos e Marconi (2010), possibilita examinar registros institucionais e legais como fontes primárias de informação, contribuindo para contextualização do objeto investigado.

O procedimento metodológico consistiu em três etapas articuladas: (i) levantamento e sistematização da literatura referente à teoria dos signos e ao ensino de Filosofia; (ii) análise conceitual das categorias ícone, índice, símbolo e semiose, identificando sua potencial aplicação no campo pedagógico; (iii) articulação entre fundamentos semióticos e contexto da educação escolar indígena, visando explicitar



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

implicações epistemológicas da mediação imagética.

A análise desenvolveu-se por meio de leitura analítica e interpretativa dos textos selecionados, buscando identificar convergências, tensões e possibilidades de diálogo entre semiótica e ensino de Filosofia. Não houve aplicação empírica ou coleta de dados de campo, uma vez que o objetivo central do estudo consistiu em examinar a viabilidade teórica da proposta de mediação imagética.

Reconhece-se como limitação metodológica a ausência de experimentação prática sistematizada, o que impede generalizações empíricas. Entretanto, tal delimitação não compromete a validade da investigação, uma vez que sua finalidade é de natureza conceitual e fundamentadora, voltada à análise de consistência epistemológica.

Assim, a metodologia adotada assegura coerência entre problema de pesquisa, objetivos delineados e natureza teórica do estudo, oferecendo base consistente para as análises apresentadas na seção subsequente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise teórica desenvolvida neste estudo evidencia que a mediação imagética apresenta consistência epistemológica quando fundamentada na teoria dos signos de Charles Sanders Peirce. Considerando que o conhecimento se estrutura por meio de processos semióticos, a incorporação da imagem ao ensino de Filosofia não constitui recurso acessório, mas reconhecimento da própria condição mediada do pensamento (Peirce, 2005). Tal constatação sustenta a hipótese de que a imagem pode atuar como elemento disparador da reflexão filosófica.

Os resultados da investigação indicam que a categoria do ícone desempenha papel central nesse processo. Ao manter relação de semelhança com o objeto, o signo icônico favorece aproximação inicial entre estudante e tema filosófico, permitindo que a percepção sensível opere como ponto de partida para elaboração conceitual. Essa aproximação não reduz o nível de abstração exigido pela disciplina, mas organiza



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

percurso progressivo que conduz da experiência interpretativa à formulação de conceitos (Santaella, 2007).

A discussão dos achados revela que a mediação imagética possibilita articular experiência cultural situada e universalidade conceitual. Em contextos educacionais culturalmente diferenciados, a introdução de categorias abstratas descontextualizadas pode gerar distanciamento entre conteúdo curricular e realidade vivida. Ao mobilizar signos culturalmente reconhecíveis, o ensino preserva o estatuto crítico da Filosofia enquanto reconhece que todo pensamento emerge de horizontes simbólicos específicos (Gallo, 2004).

Outro aspecto evidenciado diz respeito ao caráter problematizador da imagem. Ao desencadear interpretações múltiplas, a imagem instaura campo de questionamento que favorece formulação de hipóteses, confronto de perspectivas e elaboração argumentativa. A atividade filosófica, compreendida como criação e reorganização de conceitos diante de problemas, encontra na mediação imagética um ponto de partida fecundo (Deleuze; Guattari, 1992). Nesse sentido, o uso de imagens não simplifica o conteúdo, mas potencializa a investigação conceitual.

Os resultados também indicam que a mediação imagética favorece deslocamento metodológico no ensino de Filosofia. Em vez de centralizar-se exclusivamente na exposição histórica de autores e correntes, a prática pedagógica passa a priorizar a produção de sentidos a partir de signos que instigam interpretação. Esse deslocamento mantém o rigor crítico da disciplina, ao estimular autonomia intelectual e capacidade de argumentação (Chauí, 2000).

No que se refere às implicações para a educação escolar indígena, a análise demonstra que a mediação imagética pode contribuir para reduzir tensões epistemológicas entre tradição filosófica e universos simbólicos locais. Ao operar com signos que dialogam com repertórios culturais próprios, o ensino evita tanto a imposição externa quanto a descaracterização do conteúdo filosófico. A Filosofia preserva sua função crítica quando possibilita que o estudante produza conceitos a partir de sua própria



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

experiência interpretativa.

Entretanto, reconhece-se como limitação deste estudo a ausência de aplicação empírica sistematizada. A investigação concentrou-se na análise conceitual e na fundamentação teórica da proposta. Assim, futuras pesquisas podem aprofundar a dimensão experimental, verificando empiricamente os impactos da mediação imagética na aprendizagem filosófica.

De modo geral, os resultados confirmam a viabilidade teórica da utilização de imagens como instrumento pedagógico no ensino de Filosofia. A articulação entre semiótica e prática educativa evidencia que a imagem pode funcionar como mediação legítima na produção conceitual, sem comprometer o rigor epistemológico da disciplina.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como finalidade analisar a viabilidade teórica do uso de imagens como instrumento pedagógico no ensino de Filosofia em escolas indígenas do Ensino Médio. Partiu-se da problemática relativa às tensões epistemológicas e metodológicas que emergem quando a disciplina é inserida em contextos culturalmente diferenciados, nos quais os modos de produção de sentido se estruturam por referenciais simbólicos próprios.

A análise desenvolvida permitiu demonstrar que a mediação imagética pode ser compreendida como estratégia epistemologicamente consistente, uma vez que reconhece a natureza mediada do conhecimento. Ao articular percepção sensível e elaboração conceitual, a imagem pode funcionar como ponto de partida para a problematização filosófica, favorecendo a produção de conceitos sem comprometer o rigor crítico da disciplina.

Conclui-se que o ensino de Filosofia por meio de imagens não implica simplificação metodológica nem redução do conteúdo, mas reconfiguração do ponto de partida da reflexão. A proposta sustenta que a prática filosófica pode ser fortalecida



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

quando se reconhece que todo pensamento se constitui por mediações simbólicas situadas. Nesse sentido, a mediação imagética revela-se alternativa capaz de articular universalidade conceitual e particularidade cultural, contribuindo para práticas pedagógicas mais coerentes com contextos educacionais plurais.

Ressalta-se, contudo, que a investigação desenvolvida manteve-se no âmbito teórico. Pesquisas futuras poderão examinar empiricamente os efeitos da mediação imagética na aprendizagem filosófica, aprofundando o diálogo entre fundamentação epistemológica e prática pedagógica.

Reafirma-se que a incorporação de imagens ao ensino de Filosofia, quando sustentada por base teórica consistente, amplia as possibilidades formativas da disciplina e fortalece seu papel crítico no Ensino Médio, especialmente em contextos marcados pela diversidade cultural.

AGRADECIMENTOS

Seção opcional, onde o autor pode agradecer às agências financiadoras, ou outro tipo de agradecimento aplicável.



Edition: Vol. 04 | N°. 01 | (2026)

Publication: 10/04/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v4i1.159>

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. **Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.**
- CERLETTI, Alejandro. **Ensinar filosofia: da pergunta filosófica à formação do pensamento crítico.** São Paulo: Cortez, 1996.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** 13. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GALLO, Sílvio. **Filosofia no ensino médio.** Campinas: Papyrus, 2004.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.